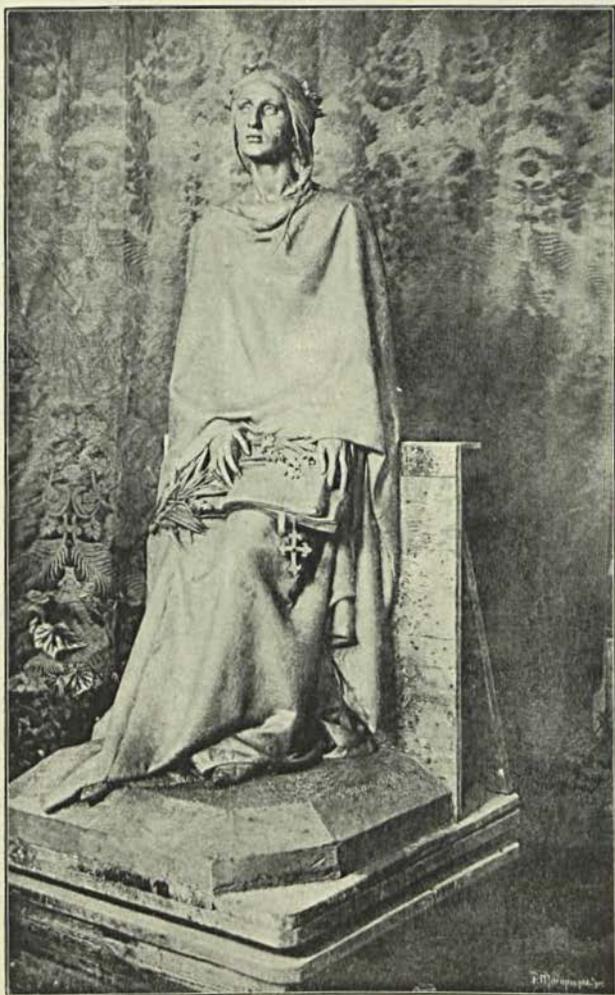


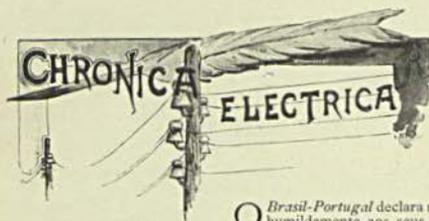
BRASIL-PORTUGAL

1 DE AGOSTO DE 1899

A Estatua da História



ESCULTURA DE TEIXEIRA LOPES PARA O TUMULO DE OLIVEIRA MARTINS



O Brasil-Portugal declara muito humildemente aos seus leitores que não é com 36 graus á sombra, em meio d'uma atmosphera abafada e pesada, com todos os poros do corpo transformados em pequeninas Niagaras, que elle pôde fazer uma chronica.

O Brasil-Portugal presta-se de muito boa vontade a ir de braço dado com o leitor beber uma cerveja, tomar um sorvete, mergulhar nas saizas ondas do crystalino Tejo, repimpar-se sob o copado arvedo da fresca Cintra, mas a fazer uma chronica... a isso recusa-se energicamente, desesperadamente, furiosamente.

Pois com 36 graus á sombra, quem os leitores que o Brasil-Portugal lhes venha fallar do encerramento das côrtes, da abertura das batotas balneares, dos dramas de quem, de tudo enfim que tem feito palpar de commoção os habitantes d'este jardim da Europa á beira-mar plantado, com guarda fiscal pelos cantões!

Não, não é possível!

Mas é pena, ao mesmo tempo.

O encerramento das côrtes prestava-se a considerações mais ou menos philosophicas, sobre o que representou para o bem do paiz a temporada legislativa.

E que de cousas sensatas diria o Brasil-Portugal a respeito dos trezentos milhões de projectos de lei que se votaram nas ultimas tres sessões do parlamento! Como elle analysaria o valor de todas essas obras primas dos cerebros ministeriaes! Como elle manifestaria a sua admiração pelo sr. Conde de Burnay, que, depois da retirada da opposição, pronunciou em tres sessões do parlamento mais discursos do que em toda a vida tem pronunciado quarenta ou cincuenta deputados da maioria!

E os dramas de ciúme! Essa terrivel epidemia que invadiu Lisboa, e que faz com que todas as meninas da cidade, mal que veem olhar para ellas qualquer rapaz, tratem logo de fazer testamento ou de alugar um quarto particular no Hospital de S. José!

E, se não fossem os 36 graus á sombra, o Brasil-Portugal faria notar que Lisboa se transformara n'um Pinhal da Azambuja do amor. D'antes, quem passasse pelo Pinhal d'Azambuja, encontraria sempre quem de navalha em punho lhe gritasse: a bolsa ou a vida!

Hoje, menina que passeie pelas ruas de Lisboa, encontra quasi sempre quem de navalha em riste lhe grite: o amor ou a vida!

Este systema de amar e de se fazer amar, tem dado logar a scenas muito curiosas.

O Brasil-Portugal foi uma d'estas noites ao club d'uma das praças mais concorridas do paiz.

Logo á entrada avistou um rapaz a esfobeter uma gentil menina. Como naturalmente extranhasse o facto, alguém lhe explicou que o caso não tinha importancia: tratava-se apenas d'uma flirt.

D'alhi a pedação um outro rapaz, em meio d'uma valsa, dava um tiro no seu paiz. Tratava-se apenas d'uma declaração de amor.

A sahida, encontrou o Brasil-Portugal uma formosa senhora a chorar perdidamente, exclamando por entre os soluços:

— Morrer l. . . Tão nova l. . .

A desgraçada notára que um rapaz durante a noite a fitára incessantemente.

E se não fossem os 36 graus á sombra, o Brasil-Portugal contaria mais scenas d'este genero, e dedicaria algumas palavras de sentida condolencia ás familias que tenham meninas susceptiveis de serem amadas, e talvez chamasse para o assumpto a attenção dos poderes publicos, apezar de saber que os poderes publicos estão occupados por questões particulares, tão particulares mesmo, que ninguém tem a indiscrição de querer saber quem elles são.

Mas como os 36 graus á sombra continuam, o Brasil-Portugal não escreve nem mais uma linha, e vai tomar um sorvete, lamentando que o calor lhe não tivesse permitido fazer a Chronica Electrica para este numero.

Brasil-Portugal.

As lagrimas do amor

Na clareira o luar tinha brancuras espectraes, as arvores aconchegavam-se umas ás outras, o rouxinol calava os seus trinos e a fonte perlava lamentosamente o seu fio de prata, escutando o deus Amor que chorava com a sua voz crystallina:

«Quão longe vão os tempos em que os homens tinham como unico aneio amar e ser amados, esquecer o mundo com todas as suas mes-

quinhas e vãs preocupações, e viver na contemplação dos olhos da sua amada. Um olhar, um beijo nos dedos afilados da branca e pequenina mão da adorada, recompensavam generosamente um anno de batalhas e miserias, o sangue derramado nas pelejas, as lagrimas do captiveiro. Conquistavam-se os logares santos não para arrancar ao turco a terra que tinha bebido as lagrimas de Christo, mas para alcançar perolas e gemas que tornariam mais bellas as bellas castelãs que esperavam a volta dos namorados, folheando os seus albums de caça, que os representavam vencendo o terrivel javali ou o astuto veado.»

«Hoje, miseria das miserias, os homens inventaram essa infame formula do — *struggle for life* — para assim justificarrem todas as vilezas e todas as cobardias. A lucta pela vida fal-os esquecer os encantos da Mulher para os lançar na conquista do vellocino d'ouro, d'esse metal vi cujo contacto tudo enlameia e baba. Quem se importa hoje com o doce olhar feminino, com a obra mais bella da criação? Se até existe aquelle que através d'esse divino olhar divisa o sacco cheio de sterlinas, que essa mulher pode possuir. A morte dos deuses succedeu a morte da mulher como esposa e amante; as divindades cahiram dos altares umas apoz outras.»

«Mas os homens levaram mais longe o requinte da sua maldade: derribaram os velhos bosques por cujos atalhos os amantes passavam de mãos dadas e olhos perdidos na contemplação do ser amado, e, n'esses logares sagrados para o amor, ergueram horrosas edificações, proprias de cyclopes, que jorram dia e noite ondas de negro fumo que vão maculando tudo e transformando a terra nas immundas forjas de Vulcano. Nos rios cujas aguas azues serviam d'espelho aos amantes sentados nas suas margens, os homens malvados levantaram, com os destroços dos bosques, extranhas e monstruosas machinas que afugentaram para sempre, d'esses logares benditos, a poesia e a tranquillidade, tão propicias aos amantes. Até os innocentes habitantes das suas, outrora, tão limpidas aguas, desapareceram fugidos ao tumulto que ora vae n'essas aguas, ou mortos pelo veneno que os vae corroendo...»

E a voz do amor perdeu-se afogada n'um mar de soluços.

THOMAS CARRERA.

TEIXEIRA LOPES

Meia duzia de palavras — dizem-me — para acompanhar os desenhos copias de duas obras primas do nosso grande escultor Teixeira Lopes. Nada mais facil, não ha tarefa mais simples: duas palavras e uma exclamação bastam.

Ei-las: — E' bello!...

Porque, meus senhores, a belleza impõe-se por si propria. Já viram, por ventura, que a manhã, a arvore, o mar ou o céo, precisassem d'um commentario, ou que, ao pé de cada sol que Deus cria, nascesse um sabio de olhos em riste para o explicar?...

Portanto, com mais coherencia e logica ainda lhes proponho outra idéa: nada de palavras seccas, de palavras inuteis, junto das grandes obras. Suprimam mesmo a phrase que acima lhes offereço, porque o publico a dirá, eu vol-o juro...

De resto eu ainda comprehendo que se escrevam grossos tomos, poderosos in-folios, sobre as cathedraes, os livros de genio, as grandes esculturas, os quadros formidaveis. Acontece que as creaturas mirradas, que são os criticos, vão aquecer-se a essas labaredas e trazem de lá emoção para produzir. Agora palavras, meia duzia de palavras, a acompanhar obras primas, não pode ser, não!... Nem sei mesmo que as haja...

Teixeira Lopes é, como todos os grandes artistas, um homem de poesia e de sonho, a quem conheço duas phases: — uma lyrica, a qual pertencem todas as deliciosas cabeças de velhinhas e creanças e todas as esculturas que vêm até ao espantoso fragmento do tumulo de Oliveira Martins — a figura da Historia; outra que abre com essa prodigiosa e grande obra de arte e que nos promete a nós, portuguezes, a gloria de contar um escultor equal aos maiores do globo.

Oh! e basta de palavras! Diante das obras primas deve reinar o silencio, silencio que nada perturbe e deixe crear a atmosphera de emoção, luar de sonho, um dos mais puros, um dos mais raros gosos do espirito...

RAUL BRANDÃO.

NO CALVARIO

(Maquette de Teixeira Lopes)



Maquette para uma estatua do Senhor dos Passos

nhecido, porque a bella alma d'este artista tão grande e tão pura como o seu talento, é reconhecida a toda a gente.

Sóbe o monte, ainda bem longe do logar do supplicio.

Temos a visão clara e pungentissima da scena.

Ao chegar áquelle ponto já vinha quasi de rastos, a caminhar em joelhos, a respiração curta, aneada, como a de um animal perseguido.

De repente vemol-o abater-se no chão, ficar prostrado, o tronco soerguido, suspenso nos dois braços, as mãos espetadas na poeira, a cabeça levantada angustiosamente procurando o ar, a barba estendida para a frente, a bocca aberta em arco, os olhos sahidos, a corôa ao lado, offegante; não pôde mais.

Enspada em suor e enodoada, a pobre tunica de grosseiro linho cahe-lhe dos hombros em sacco, deixando vêr o peito oppresso n'aquella intensa agonia em que os pulmões estalam e o coração quer rebentar.

E ninguém tem piedade!

A pesada cruz, que no instante afflictivo a mão largou do hombro, desceu, abateu-se-lhe em cheio sobre as costas.

Não ha Cyreneo, não ha uma mão caridosa que lhe deitem; está sósinho no monte ermo, diante de nós caído, arquejante, com os seus

FICAMOS commovidos, maravilhadoss deante de Jesus Christo que ia subindo o Calvario, em caminho da morte Que assombrosa, que unguida pagina de dôr!

Teixeira Lopes contou-nos que aquella inspiração sentida era para o bom povo de Aveiro a quem elle era muito reco-

nhido de angustia nos nossos olhos, penetrando-nos de compaixão e de espanto.

E assim, n'esta attitude, as pernas abatidas de lado na poeira, erguido sobre as mãos... que me perdôe! — oh! mas a dôr eguala tudo... os olhos dos animaes, no soffrimento, tornam-se humanos...

Não pôde mais!

E' tão grande, tão tragico o momento que o silencio é enorme, absoluto; não ha gargalhadas nem obscenidades pharisaicas, pragas de pretorianos, tropel dos algozes e do povo que o acompanha ululando. Ninguem, nem uma arvore... só Elle. Silencio e solidão no monte ermo; ouve-se o soluçar de uma mulher.

E o que é mais pungente, o que mais doe, é que o caminho é cada vez mais ingreme, o sol aperta calcinando a terra, o logar do supplicio ainda está longe e Elle tem que se arrastar até lá!

* * *



Poderoso genio de um artista cheio de profundidade e ao mesmo tempo tão commovente e tão simples, tão grande, que com uma figurinha quasi informe assim consegue evocar, dar viva dentro em nós, a essa espantosa tragedia de bondade, de altruismo, de soffrimento!

Depois as almas ingenuas dos bons homens de Aveiro vestir-lhe-hão uma tunica franjada a ouro, pol-o-hão em um deleitoso Calvario com açucenas e cravos, cera accessa continuamente a alumial-o, linda corôa de espinhos mas de prata, camisa de bretanha finissima com punhos postiços como tem a imagem dos Passos na nossa egreja do Carmo.

Porque ingenuamente elles sentem a necessidade de, por uma forma qualquer, suavisarem aquella impressiva hora de martyrio de que, como homens filhos de Adão, fômos os causa-dores.

GUILHERME GAMA.



Porta para a egreja da Candelaria no Rio de Janeiro

A OBRA DE

TEIXEIRA LOPES



Cidade de Augusto Gomes (Ponte)

Projecto de monumento, uncerário



Teixeira Lopes



Cidade de A. Gomes

A Dôr — Estatua para o túmulo de Pinto da Fonseca no cemitério de Agramonte (Porto)



Cidade de A. Gomes

A Soares dos Reis — Estatua para o monumento a Soares dos Reis



Cidade de A. Gomes

Coim — Em mármore



Cidade de A. Gomes

Estudo de criança — Em mármore



Cidade de A. Gomes

A viúva — Grupo em mármore

A VIUVA

Grupo em marmore

Excerpto do livro SOARES DOS REIS e TEIXEIRA LOPES, página de *Crítica d'arte*,
Porto, 1899

OUTRO é o thema eterno, fundamental na vida, da *Viuva*, o bello grupo que, na Exposição Internacional de Berlim de 1896, foi premiado com medalha d'ouro, e é formado por uma mulher sentada, tendo ao lado um berço e, nelle, uma creança em pé que se lhe suspende ao seio. Essa mulher do povo, que perdêra o seu homem e se encontra paralisada pela dôr a ponto de não poder chorar, é chamada á vida pelo filho a quem amamenta. Na obra de Teixeira a maior intensidade concentra-se justamente na deliciosa creança que instinctivamente e com esforço, se ergue do berço em procura do seio materno; e isto porque essa creança, maraviilha de graça e de delicadissima ternura, no seu encantador movimento cheio de indecisão e de vida ao mesmo tempo, contrasta fortemente com a mãe robusta, massiça, sem idealidades, em quem a dôr se manifesta naturalmente d'uma fôrma apathica e apenas no olhar allucinado e vago, nos sulcos fundos da face e no entre-abrir amargo e tremulo da bocca que nem geme. Sente-se ahí um espirito curto, rudimentar, que de todo parou.

Essa antithese nos dois estados d'alma acha-se tratada d'uma maneira larga, mascula; e, esculturalmente fallando, o marmore é perfeito, quer sob o ponto de vista da eurythmia, quer sob a composição e do modelado. E' indiscutivelmente notavel de naturalidade, palpitante de vida o formoso agrupamento de braços e corpos penetrados de tão diversos sentimentos; percebe-se que a mulher, inerte sob o imperio da dolorosa irresolução, vai em breve, num movimento de apêgo á vida do pequenino que é a continuação, o retrato do outro, conchegal-o fortemente ao colo, beijal-o soffregamente, banhal-o numa torrente de lagrimas. Entretanto, para que esse grupo, tão bello esculturalmente e tão profundo d'expressão, fosse já uma obra definitiva na serie dos trabalhos do artista, seria preciso, quanto a nós, eliminar o aristocratico berço que lhe rompe a homogeneidade, e substituil-o pelo berço do proletario, canasto ou quer que seja; certamente um tal pormenor popular augmentaria d'um modo sensível a grande nota pathetica contida nesse ingenuo e dramatico assumpto, tornal-o-ia mais humano, mais integral.

A influencia d'atelier devemos nós attribuir a introdução do elemento perturbador. A emancipação completa não se fizera ainda, nem é isso cousa para estranhar; o artista realisa-a a pouco e pouco, como sempre succedeu aos espiritos verdadeiramente originaes e progressivos.

Ao que então disse pouco me resta acrescentar.

A obra data de 1890, que foi quando o *gesso* figurou no *Salon* de Paris; ahí o viu Jayme Batalha Reis, tecendo-lhe grande elogio na *Revista de Portugal*. Em 1895 expoz o artista o marmore, no *Salon* tambem. Recentemente, na sua ultima viagem a Paris, onde tem a fundir em bronze a estatua A HISTORIA para o monumento de O. Martins, e a PORTA para a igreja da Candelaria do Rio de Janeiro, diz-me Teixeira que trabalhôu muito nesse marmore, «por ter cousas que o não satisfaziãem.»

Como se vê, Teixeira Lopes pertence ao numero dos raros que nunca estão contentes com a sua obra, que aspiram sempre.

A estatua de Soares dos Reis

Excerpto do livro Soares dos Reis e Teixeira Lopes

AINDA em 1894 modelou Teixeira Lopes a *maquette* para a estatua de Soares dos Reis, destinada ao monumento que em Gaya se

lhe deve erguer. Essa nova concepção de Teixeira Lopes, alem da elevada e complexa significação esthetica que tem, traduz ainda um facto de nobilissimo respeito pelo mestre escultor, cuja vida moral e artistica foi por igual comprehendida pelo eminente discipulo. Elegiacos ambos elles, embora entre limites diversos, houve uma mesma corrente sentimental a ligal-os deante da obra representativa da personalidade do mestre e assim a *maquette* sahiu tão profundamente suggestiva e commovente; dentro d'ella encontram-se varios estados d'alma que, em epochas afastadas umas das outras, dominaram ora a Soares, ora a Teixeira, e é esse parentesco, essa cohabitación nas mesmas regiões de sentimento, que mais singularmente nos enternece ao contemplal-a.

Teixeira Lopes, numa visão tremenda, funde num só O *Desterrado* e o seu desditoso auctor os quaes, já agora, ficam para todo o sempre indissolovelmente ligados. E é elle por fim que vem a tratar, numa forma da vida burgueza, com todo o pathetico e toda a complexidade correspondente, o caso vivo que o mestre não vira, o desterrado das alegrias da vida.

E como poderá vêl-o, se era elle mesmo?

Soares concebêra O *Desterrado* como um symbolo abstracto, porque a funda elegia da sua alma lhe crystallisára assim dentro do cerebro, na forma querida entusiasticamente pelo estatuario de nascença, e porque a absorção na dôr propria lhe fizera perder o sentimento do pathetico dos casos da vida real; quando o comprehendeu, quando a gravidade do soffrimento lhe poz deante dos olhos a sua propria imagem de eterno *desterrado*, quando viu lucidamente, irremediavelmente, ou não soube, ou não pôde, ou não quiz lutar.

Teixeira Lopes penetrou no fundo dolorosissimo d'esse estado d'alma, d'esse momento terrivel em que o escultor pensou a final que a arte não consola de nada e deixou cair as mãos para não mais trabalhar; por inúteis para a vida, tal qual elle a sonhára.

Notemos ainda que a attitudé da *maquette* de Teixeira Lopes é a mesma do *Artista na infancia*, modificada porque o esforço cessou de todo; a creança fizera-se homem e este, no fim da vida, em logar de todo se concentrar na ambição de fazer arte, deixa pender as pernas e os braços, e não sorri mais de surpresa e de prazer.

Na concepção de Teixeira Lopes vemos pois reunidas, debaixo d'um intenso sentimento de admiração pelo mestre querido, as obras em que este, pôde dizer-se, se representou a si sob os aspectos da ambição artistica que o animára em creança e da desolação moral em que viveu feito homem.

Teixeira Lopes vira effectivamente, e sempre, a estatua O *DESTERRADO* como a expressão immediata, e porventura inconsciente, do estado d'alma dominante no seu primeiro mestre. Se a nostalgia sentida em Italia levára Soares dos Reis a fixar no marmore a *dôr de se vêr longe da sua terra*, quando voltou a Portugal, já por temperamento e educação, já pela opposição do meio indigena, pela falta de carinhos e da mãe querida, pelos minguidos recursos de que dispunha e por se não vêr devidamente aproveitado, o seu modo de ser foi sempre o d'um *desterrado* das alegrias do mundo.

D'ahi a sinceridade absoluta da obra de Teixeira, recordando tão intensamente o temperamento e a obra do mestre, quer na attitudé, quer na expressão.

Noutro logar indiquei as diferenças de structura e composição que, comtudo, separam os dois artistas na concepção d'esse estado d'alma, procurando explical-as por diversidade de criterio esthetico.

Devo ainda acrescentar que, no estado actual, a estatua definitiva, está longe de attingir a expressão da *maquette*. Apenas se lhe desenhãem algumas modificações na attitudé, que o moço escultor estuda e aperfeição, afim de dar á sua concepção fundamental a mais logica e intensa expressão formal.

Teixeira Lopes



Uma visita ao atelier

Meu Amigo

Pede-me V. uma noticia acerca de varias obras do nosso grande escultor Teixeira Lopes, algumas das quaes terminadas ha tempos, outras actualmte em via d'execução, sendo que, ou em *maquette*, ou na forma definitiva, em barro, gesso, madeira ou mar-

more, todas ellas se encontram no *atelier* do artista, em Gaya.

Com muito praser accetto o encargo porque, n'esse *atelier*, por pouco que lhe espacemos as visitas, deparamos fatalmente com surprezas que, a um tempo, nos encantam e enchem d'admiração. Como, porem, de quatro d'esses trabalhos me occupasse já no meu livro de critica d'arte, em que estudo as produções de Teixeira Lopes até fins de 1898 e a obra total do seu malogrado mestre, o illustre Soares dos Reis, permitta-me que, a respeito d'esses e afóra as transcrições que aqui faço, me limite a enviar-lhe dous excerptos do livro, um acerca da VIUVA, outro da estatua de SOARES DOS REIS, ajuntando-lhe pequenas observações para esclarecimento da respectiva materia, visto como naturalmente esta se prende a considerações nem sempre facéis de extractar.

As outras duas obras d'este grupo são o SANTO ISI-



DORO DE SEVILHA e uma ESTATUA NUA DE CRENÇA, cujo marmore se acha quasi terminado e pertence á Sr.^a Duqueza de Palmella. A cerca d'esta ultima dissera eu que é uma pequena figura de marmore em pyramide, representando o *bambino* suspenso em meio do seu engatinhar e erguendo-se um pouco a olhar para o que lhe fica em frente.

.....
 «Mas essa pequena estatua de creança d'um modelado perfeitoissimo, assim como toda a serie de *bébé*s que, desde 1886 a 1898, encontramos na obra já tão variada do escultor, demonstram, talvez de preferencia a quaesquer outros trabalhos, a sua poderosa capacidade tecnica, a ponto tal que o tornam notavel entre os mais notaveis especialistas do genero. Aquelles corpos, só compostos de redondos e covinhas, são de uma difficuldade transcendente para o modelador e mais ainda para o artista que procura a expressão. Ora os *meninos* de Teixeira Lopes são-no a valer, como nenhuns outros o são mais; vê-se bem que elle os estuda e modela com affecto de inexcédível ternura. Assim se explicam as deliciosas e vivas expressões obtidas.»

Effectivamente, tanto nesse *menino*, como nos que fazem parte dos grupos A VIUVA e A CARIDADE, se encontra bem exemplificado o que affirmamos na citação supra.

Quanto ao SANTO ISIDORO, seja-me ainda mais uma vez licito repetir aqui o que se encontra no meu livro:

«O SANTO ISIDORO é um magnifico exemplo de escultura christã; o velho bispo de Sevilha (Seculo VII) é representado de pé, trajando vestes riquissimas, as mãos pendentes segurando um pergaminho, e o baculo erguido entre o corpo e o braço esquerdo. Tem a cabeça coberta pela mitra baixa e larga, longas as barbas que o vento faz ondular de leve, e olha para o ceu num arrebatamento mystico de elevação; na sua physionomia, dir-se-iam expressas com notavel propriedade todas as virtudes de uma asceta, ao mesmo tempo grande sabio e grande artista.»

Teixeira Lopes tratára, uma primeira vez, esta estatua em madeira pintada, dando-lhe proximoamente um metro d'altura, imagem que se acha numa igreja não muito distante de Marco de Canavezes. Fiquel, por isso, muito surprehendido, indo agora encontrar os seus operários a mettê-la novamente no ponto, em madeira tambem, mas de tamanho maior do que o natural. Destina o artista esta segunda reproducção á Exposição de Paris, onde, como notavel tentativa de escultura pintada, á maneira da sua SANTA ISABEL DE PORTUGAL, figurará entre a copiosa e magnifica collecção d'obras por elle ali expostas.

Após este pequeno passeio rétrospectivo, passo a falar-lhe das novas concepções do grande escultor; o que faço com todas as reservas, visto

tratar-se d'obras em via d'execução, sujeitas portanto a modificações profundas, dado principalmente o feitico mental do nosso artista, sempre insatisfeito dos resultados obtidos e, na aspiração constante da sua esthetica essencialmente expressiva, procurando melhorá-los por todas as formas ao seu alcance.

Havia já alguns mezes que eu não visitára o seu *atelier*; alguns amigos falavam-me, porem, em termos tão elogiosos e levantados do grupo A CARIDADE, que o artista esta acabando de modelar, que lancei mão da primeira aberta que se me apresentou e fui-me até Villa Nova de Gaya.

No grande *atelier* de fachada romanica, além de dous deliciosos bustos de creanças e d'outro d'uma dama d'abundantes e ondeados cabellos penteados á moderna, em forma de *borla* de pós d'arroz, em que se pégue pelo pequeno puxo que os encima, bustos todos desconhecidos para mim, deparei com a estatua quasi jacente A DÓR, de tamanho maior do que o natural, ainda não completamente modelada em barro e destinada ao tumulo de J. Pinto da Fonseca. E' uma figura de mulher, envolvida numa tunica de largas pregas que lhe deixa o colo e os braços á descoberto; jaz prostrada por terra, junto da *Porta de bronze da Eternidade*, para além da qual não ha esperança de voltar, porta que só se abre para entrar e, á qual a escultural e allegorica figura encosta a cabeça descabida, num desanimo profundo, admiravel e fortemente expresso pela *atitude*.

A' face impassivel, sem vibração, aos olhos cerrados por um como deliquio que lhe tira as forças, corresponde esse abrir de bocca tão caracteristico e o abandono geral dos braços e das pernas, quebrados pela *dor*. Essencialmente escultural, vivendo apenas pela forma como verdadeira allegoria á maneira dos italianos, essa intensa representação d'um sentimento unico, concebida dentro do *canon* classico, marcará porventura como o mais notavel trabalho de Teixeira Lopes num genero em que nos deu já outras obras importantes.

E' digna de notar-se a singular coincidência do estado d'alma ali tratado com a ultima scena da MORTE DE TUITAGLES, de Maetterlinck, quando a irman sente morrer o pequenino do outro lado da porta de bronze que os separa no interior da galeria.

Em frente d'essa figura, e como que olhando-a curiosamente, quasi com espanto, engatinhava a ESTATUA NUA DE CRENÇA que acima descrevemos. O contraste era frisante e sobremaneira consolador.

Teixeira Lopes, de blusa, as mãos sujas de barro, convidava-nos porem a visitar o outro *atelier*. Seguimo-lo e, logo d'entrada, deparamos com a estatua em madeira do grande e santo musico, ISIDORO DE SEVILHA, tão conhecido dos que se occupam de *Cantochão*, o mesmo que compunha os hymnos sagrados que, segundo o nosso Herculano, imitára o desterrado presbytero de Carteia.



Santo Isidoro de Sevilha

Por detraz, erguia-se colossal o barro ainda meio informe do elegiaco suicida, outro *desterrado* das alegrias da vida, a estatua que Teixeira prepara para o monumento de Soares dos Reis em Gaya; e, a um lado, a *maquette* d'um tumulo, em que tres pessoas em grupo choram sobre um ataúde.

Nunca eu vira trabalhar tanto o moço escultor que, aos trinta e tres annos d'idade, produziu já uma obra tão vasta e tão intensamente variada.

Faltava-me sómente conhecer o grupo A CARIDADE, fim principal do meu passeio à thebada do novo elegiaco de Gaya; estava elle num compartimento lateral, coberto dos habituaes pannos molhados, que impedem o barro de secar e esboçar-se. Tira-dos elles, recebi ao principio uma impressão estranha, se bem que de grande intensidade, deante d'aquella figura quasi completamente modelada. E, comtudo, haviam-me prevenido em parte.



Grãde de A. Gama (Porto)

A Caridade. — Estatua em marmore

Aquella mulher, vestida de irman da caridade, em habitos monacaes de linha simples e pregas rigidas; a touca pequena, modesta, cobrindo a cabeça desguarnecida; as mãos delicadas, mas deformadas pelo continuo e vario esforço no exercicio do Bem; dobrada ella mesma um pouco para diante, afim de melhor aguentar o peso desageitado dos dous pequerruchos quasi nus, um adormecido no braço direito encurvado em berço, o outro trepando sobre a mão esquerda e engalinhando-se-lhe ao hombro, essa mulher é feia, diziam-me, e sob esse ponto de vista não nos encanta. E assim é, certo.

Nota-se, porém, com grande prazer esthetico, a magna difficuldade tecnica de composição e modelação, tão triumphantemente dominada e cem vezes maior do que na *Viuva*, de todos esses braços, mãos, pernas, pés e corpos reunidos em tão pequeno espaço, e tão maravilhosamente vivos, na sua absoluta naturalidade e feliz agrupamento. Mas, sobretudo, impressiona-nos a impassivel tranquillidade, o confiante e familiar respeito com que a freira olha para um ponto vago, distante e algo alto, que desde logo não advinhámos o que seja, mas que ella sem duvida conhece muito de perto; o *renunciamento* expresso em todo o seu modo de ser e na physionomia, transparente de mystica e doce idealidade, mas sem a ternura e o calor das cousas humanas; o cuidado que põe no que está fazendo, cuidado todo mecanico e como que profissional, que se diria imposto pelo espirito, que não brotado inconscientemente do coração.

E só ao cabo de um certo tempo é que comprehendemos. Porque a nossa moral altruista, que os philosophos, e os artistas antes d'elles até, nos ensinaram, far-nos-ia olhar só para as creanças, com sorriso terno e gracioso; levar-nos-ia a affagá-las, a beijá-las, a enchê-las de todas as

caricias que os seus encantos physicos e mentaes em nós provocam; a occupar-nos só d'ellas, amando-as por ellas sómente, pelo que são e podem vir a ser, para lhes fazer a vida facil e productiva, para as tornar uteis afim de um dia tambem auxiliarem os pequeninos e os grandes indifferente-mente; para os iniciar, pelo sentimento, na obra solidaria da felicidade humana, terrena, san e eternamente affirmativa.

Mas essa mulher, em logar de tanto sentir, asceta, consumido o coração nos fogos do amor divino, olha para o seu Deus ardentemente desejado e, por Elle, é que recolhe os pequeninos. Em Christo aprendêra espiritualmente o *Sinle parvulos ad me venire*, e é por Elle, POR AMOR DE DEUS, ao qual dêra em troca o coração, que faz o Bem.

E só então se comprehende que o artista concebêra a *Caridade christan* na sua mais intensa phase de renunciamento ao mundo, a da mulher que se torna feia, que repelle todos os seus mais bellos adornos para se consagrar ao amor divino, para ir para o reino do Ceu.

Vinha aqui de feição um d'aquelles arroubamentos mysticos de Santa Thereza de Jesus. Mas não o cito por varias razões, dos quaes o primeiro basta porque, a conselho d'uma nobre dama muito temente a Deus, enviei-lhe a ella mesma ultimamente o meu modesto exemplar das obras da grande Santa hespanhola, que ella não conhecia. Diziam-me a graciosa dama que me não achava digno de ter na minha estante essa transcendente joia de fervor religioso, e que lh'a mandasse. E, vae eu, obedeci — humildemente.

Não posso portanto fazer a citação.

Aqui tem V. a ultima grande commoção esthetica que me proporcionou o genio creador de Teixeira Lopes. Após o CAIM, a SANTA ISABEL DE PORTUGAL, o SOARES DOS REIS, o SANTO ISIDORO DE SEVILHA, os seus deliciosos bustos, os *meninos*, a sua bella obra decorativa; e agora, quando A HISTORIA nos deixou cheios d'assombro pela altura e significação verdadeiramente dantesca attingida, dá-nos o escultor esse POR AMOR DE DEUS de estranha e rara grandeza, concebido dentro da esthetica christan, com a mesma agudeza e vibração dos gothicos, mas dentro da plastica realista.

Vae sempre em progresso e nada ha que não devamos esperar do seu transcendente poder evocador e da sua alta capacidade tecnica, d'accordo com o temperamento de elegiaco, a um tempo cheio de ternura e de nobreza tragica que o caracteriza.

PORTO, 22 Julho de 1899.

De V. etc.

Antonio Arroyo.



Grãde de A. Gama (Porto)

Busto de senhora. — Em marmore



Cidade do Rio de Janeiro

O atelier de Teixeira Lopes

O CAMBIO SOBRE LONDRES

O preço do cambio sobre Londres é talvez a informação financeira mais geralmente e avidamente procurada nos jornaes. Uma por necessidade, outros por interesse, muitos por simples curiosidade, inquirem qual foi, qual tem sido dias antes, qual será no dia seguinte, até em mezes mais proximos, o preço do cambio sobre Londres, traduzindo-o em regra no valor da libra, como quem põe em vernaculo, ao alcance de todos, uma noção extranha, mais nebulosa por mais technica. Note-se que entre o cambio sobre Londres e o agio da libra ha naturalmente uma differença de preço.

Entre outras causas, por exemplo: — mais economico e commodo é remetter dentro d'uma carta uma simples tira de papel, cheque ou letra, representativa de qualquer numero de libras do que fazer transportar a bordo d'um navio, pagando frete e seguro, esse mesmo numero de sterlinas dentro d'um caixote cuidadosamente cinto d'arco de ferro. E já não fallo do ouro em moeda de outras paizes; mas nos raciocinios que tiver de fazer, n'este artigo, depressarei essa differença, egualando para maior simplicidade o agio do ouro ao preço do cambio, e referir-me hei tão somente ao sobre Londres porque a moeda inglesa era a base da nossa circulação monetaria, e a praça de Londres, sendo o principal centro liquidador do mundo dos negocios, é muito especialmente para nós, visto que a Inglaterra occupa o primeiro logar na importancia do nosso commercio externo, cerca de 30 % do total, e por seu intermedio se fazem egualmente em grande parte as nossas liquidações com o Brasil, a segunda nação na ordem das importancias do movimento commercial portuguez.

Certo é, porém, que as variantes do cambio andam cuidadosamente sabidas; e, não raro, a pergunta feita, á queima roupa, a um profissional não encontra resposta tão prompta e exacta como a d'um curioso qualquer que apraza até a hora do dia, a que é chegado se cotava no *Crédit* a tanto ou a libra se vendia no Beirão a tanto. Não é assumpto que se limite á rua dos Capellistas, como quem diz, á nossa *Lombard Street*, ou se circunscreva ao mundo financeiro; ao contrario diffunde-se por todas as camadas e classes sociais. E se a oscillação d'alta ou de baixa se accentua fortemente, n'uma violencia de empuxões invisíveis; se a queda do preço rapidamente se precipita ou se a subida da cotação assemelha ascensão de aerostato indirigível, a curiosidade estimula-se em palpites ansiosos, e o boletim de cambios é procurado, como quem busca noticias de doente celebre e quer avaliar-lhe a duração ex-

trema pelos graus de temperatura. De facto, a depressão cambial é um symptoma alarmante na pathologia do organismo social. Ha um anno, em julho de 1898, a cotação de Londres desceu a 28 7/8, tendo passado no mez de maio pelo minimo de 28; actualmente attinge ou aproxima-se de 30; — ou, n'outros termos, a libra chegou a valer no anno findo 88570 e compra se agora a 68150. A differença é bastante notavel para merecer a attenção dos que estudam o desenvolvimento da crise portugueza, como n'um anterior artigo, n'este mesmo logar, fiz sobresahir a melhoria tambem notavel do preço dos fundos externos. A simples indicação summaria d'alguns effectos d'este facto monetario vae definir-lhe a importancia, justificar aquella curiosidade tão geral e tão intensiva, e patenciar o avido combate de interesses antinomicos, jogado cruzadamente, sem gentilezas de florei, em volta do preço do cambio, novo guia de estacada em justas de Shylocks. Com effecto, não succede com as oscillações do cambio, o que deriva immediatamente das oscillações dos fundos. Uma alta na cotação d'estes é apreciada unanimemente como melhoria; todos ganham na valorisação, ou pelo menos a riqueza augmentada na carteira de titulos, que uns possuem, não affronta nem prejudica os que não tem a fortuna de os possuir; mas a libra, proliferando em agio, agrava a situação do que a não tem. É como nas depreciações cambiaes, na quebra da moeda, o nivel dos preços se não restabelece, nem desde logo, com a precisão dos liquidados em vasos communicantes, o trabalho, pelo salario ou pelo ordenado, não encontra compensação da perda soffrida pelo augmento no custo da vida.

Deixo agora este aspecto da questão, para fixar o effecto da differença de cambio, sobre a situação orçamental. Sabe-se que são valiosos os pagamentos que o estado tem de effectuar annualmente em ouro, no estrangeiro, pelos encargos da divida e outros, absorvendo mais da quinta parte das receitas publicas. Pois, se a differença cambial fosse a extrema de 28420 por libra que apontei no decurso do anno, a economia realisada elevar-se-hia a cerca de 4400 contos n'estes pagamentos. Evidentemente é inferior a esta somma, porque a melhoria do cambio foi lenta e progressiva, mas é em todo o caso muito importante.

O estado é, pois, um directo interessado na diminuição do agio; e como o dinheiro do estado é dinheiro dos contribuintes, que somos todos, a collectividade deve ver alegremente a diminuição no preço da libra.

A companhia real dos caminhos de ferro tem de pagar em ouro a importancia da annuidade das suas obrigações que lhe custaria ao par 1479 contos, e no anno findo dispendeu 2457 contos, mais 978 contos, 60 %, de premio, uma perda de quasi um quinto das

suas receitas. Para esta empresa, o agio do ouro é uma questão vital que lhe corré o proprio crédito dos títulos. D'outro lado, o commercio chamado africano, o de exportação de generos colonias, para quem o custo do cacau, da borracha ou do café, nas explorações sertanejas, pouco variou, realisa um largo beneficio com o augmento do agio. Para este, a alta do cambio sobre Londres a 30 não representa melhoria; ao contrario sacrificio doloroso, porque é elle o fornecedor habitual de ouro ao mercado.

Assim pois, o commercio de exportação exulta, enquanto o commercio de importação se lastima pela restricção forçada das suas vendas em consequencia da elevação dos preços, e enquanto o consumidor, sempre assalariado ou empregado, se desespera em equilibrios de *jeu de vivre*. E' sabido que dois terços da importação constituem alimentação indispensavel, o que absorve em valor e em direitos para cima de 20.000 contos em cada anno. Por sua vez, a industria julga obter no premio do ouro um novo direito protector, apesar do encarecimento das materias primas e do carvão que importa. E assim é em alguns casos, mercê da estabilidade descaravol dos salarios n'um paiz de circulação em notas inconvertiveis e de prata enfraquecida.

E' este um dos aspectos curiosos da questão cambial — o lento nivelamento de preços; porque, em boa verdade, os lucros do agio deveriam afundar-se na quebra da moeda, como medida commum dos valores; e as aspirações unanimes deveriam tender á fixação do meio monetario, em vez de lucta de proveitos oppostos que as diversificam.

Não comportam as dimensões restrictas d'este artigo, nem se coadunaria com a indole de esta Revista, que tão amavelmente me offerece hospitalidade, uma larga exposição da theoria geral dos cambios e um desenvolvimento correlativo das condições em que se exerce o commercio externo portuguez. São assumptos mais proprios para a brochura. Limito-me ao esboço de factos, á enunciação de principios, para conseguir apenas o proposito de tornar frizante a melhoria que, no decurso d'um anno, tem experimentado o credito publico, na cotação dos seus fundos e no preço dos cambios.

Dêram-se acaso, no transcorrer de doze mezes, transformações tão profundas na situação geral do paiz, que expliquem com facilidade aquella effectiva melhoria? Promulgaram-se para a administração publica providencias e atees que justifiquem aquella mudança tão frizante no conceito e apreciação de extranhos? Determinou-se no movimento commercial uma subita expansão de actividade e de valor, tão dilatada e energica que as responsabilidades internacionais encontraram facilidades excepcionaes de liquidação? Ninguém me parece, pode affirmal-o com inteira exactidão.

Todavia tem-se dado acontecimentos que, na espera da sua respectiva influencia, satar impulsiona o espirito. No anterior artigo, procurei demonstrar como d'uma apreciação reflectida dos recursos do paiz, em dominios de valor, e em facilidades de energia trabalhadora, conjugada com uma presumida orientação de politica internacional, que varios indícios vinham confirmar, houve um renascimento de confiança, traduzido numericamente na cotação do externo. Note-se, porém, que aquella benéfico influxo extranho não foi acompanhado, na administração da fazenda, d'uma limitação de encargos, a que se propõe a discussão do convenio com os credores, d'um restabelecimento solido e definitivo do equilibrio orçamental, e sobre tudo d'uma effectiva e efficaz sanção ás leis, para que a infracção das suas determinações e preceitos tenha a responsabilidade correlativa e necessaria. Provirá talvez a melhoria do cambio sobre Londres d'origem semelhante? Tem os phenomenos financeiros a sua psychologia peculiar, como os factos affectivos; e, não raro, para a analyse filigranada d'uns e d'outros, será unico comentario final e justificativo a observação philosophicamente commoda do cocheiro de Sevilla, de que falla Bourget — *cada persona es un mundo*. Todavia, poder-se-ha dizer, e com razão, que se uma e outra melhoria se estribam em tão fracos argumentos, a sua duração será ephemera e fugitiva. Com effecto, se

não fór aproveitada utilmente esta brisa de confiança que vem refrescar a aridez da finança e da economia nacionaes, corre se o risco de não alcançara a consolidação indispensavel das melhorias obtidas, á parte a correcção dos excessos. Porque, na verdade, houve exaggeração na baixa dos fundos, como a houve tambem na baixa dos cambios a meio do anno de 1898.

Pesavam n'aquelle epoca sobre a peninsula, a que pertencemos, razões de pavor e de desconiança que, nas apreciações genericas dos mercados, actuam por influencia e determinam correntes intensas, como nos fios d'uma bobine de Ruhmkorff. Recorde-se que em 1 de maio o conmodoro Dewey destrou a esquadra hespanhoa em Cavite, e a 3 de julho, á sahida de Santiago se afundam n'um destroço tremendo os navios de Cervera. Mas, sem duvida, mais directa influencia exerceu, sobre o preço do cambio portuguez, a elevação constante da emissão de notas inconvertiveis.

A circulação do Banco attingiu em julho de 1898 o maximo, ainda não reproduzido, de 70.231 contos. De todos os elementos que determinam o preço dos cambios o principal é sem duvida a depreciação do meio circulante; porque é aquelle que provoca e produz as fluctuações insistentissimas e a sua acção é tão preponderante que difficil se torna apreciar a dos outros elementos que concorrem para a fixação do valor dos cambios. Não se corrige a perda cambial sem que se eguale pelo menos os dois termos da balança dos pagamentos internacionais; mas não se limitam as oscillações do cambio, nem se normalisa o seu preço, embora depreciado, sem que se feche a torneira das emissões de papel inconvertivel em moeda.

O primeiro factor de melhoria do agio era, portanto, a deliberação do governo n'um prescindir d'aquelle facil recurso de pagar *deficits* orçamentais com notas do Banco de curso forçado. Não havia sido este o caminho traçado: ao contrario, multiplicavam-se as demonstrações de que o meio circulante inconvertivel não era excessivo, mal preenchia o vazio deixado pela forte exportação de numerario em 1891. Os factos encarregavam-se de provar que a depreciação cambial se accentuava á medida que a circulação subia nos balancetes semanas do Banco.

Tem a actual situação governativa mantido firme aquelle proposito, e será talvez este o unico meio indirecto de attingir o equilibrio orçamental, base da restauração das finanças, porque os expedientes occasionaes de arranjar dinheiro, ou o aproveitamento de incidentes propicios exgotam-se, e forçoso é realisar e conseguir receitas effectivas. E' necessario, porém, haver a energia decisiva de não reabrir a estamperia das notas para supplemento ao *deficit* ameaçador. Quanto a liquidar os excessos actuaes do meio circulante depreciado, não parece empresa inconcebivel. Basta consolidar os empréstimos levantados pelo thesouro no Banco, pela venda opportuna dos títulos que os garantam, ou, n'outros termos, a emissão d'um emphyteuto interno.

E quando se conhece a somma de títulos que annualmente o mercado capitalista tem absorvido, não se affigura ousada phantasia preparar conveniente e opportunamente uma larga operação nacional. Teria ella uma influencia boa e intensa sobre o preço do cambio; claro está que subsistiriam para a fixação d'este os outros elementos que o compõem. Se a balança de pagamentos internacionais não apurasse o seu fiel, o cambio continuaria desfavoravel; mas limitadas e restrictas seriam as fluctuações.

As exportações de títulos e de gente, os empréstimos externos e o dinheiro do Brasil, foram, segundo affirmação geral, os meios de solver durante largos annos o *deficit* das liquidações internacionais. Hoje radica-se no espirito de muitos, e dos que estudam, a convicção de que o commercio e a actividade do paiz, embora d'uma lentidão desconsoladora em seu desenvolvimento, o dinheiro do Brasil e o rendimento d'África, farão brevemente, se o não realisarem já, o desejado equilibrio da famosa balança.

E' imprescindivel, porém, que não caia n'um dos pratos d'ella o grosso volume do orçamento do Estado.

Lisboa, 25 de Julho de 1899.

ADRIÃO DE SEIXAS.

POETAS E PROSADORES

(Perolas dispersas)

Nevrose

N'ESSA tristeza morbida, secreta,
Que te afugenta as sombras do repouso,
Eu vejo a hypocondria, a febre infecta
— Florescencias do pantano do gozo.

Por uma noite de luar repleta.
Eu, contudo, quizera, fervoroso,
Sentir pulsar esta paixão discreta
No bronze do teu seio tormentoso!

Depois... morrer! beijando como o pária
Na liça da peleja sanguinaria
A mortalha de lódo em que se cós!

És o perfume negro, a flôr do pasmo.
Que do silencio negro do marasmo
Faz-me sonhar os éstos da nevrose!

Rio de Janeiro.

FONTECIVA NAVIER.

Amphitrite

M'OVEZ festivo, tepido arolando
A' clara vez, talvez da turba iriada
Das serenas de cauda perbiada
Que visó co' o vento os carmes concertando,

O mar — que surge — enorme — illumina
Era ao calor das aguas murmurando
Como um bosque pagão de deuses, quando
Rompeu no Oriente o pallio da alvorada.

As estrellas clarearam repentinas...
E logo as aguas são no verde prado
Tocadas de ouro e irradiações divinas...

O Oceano estremece, abrem-se as brumas,
E ella apparece nua á flôr do Oceano,
Coraada de um circulo de espumas!

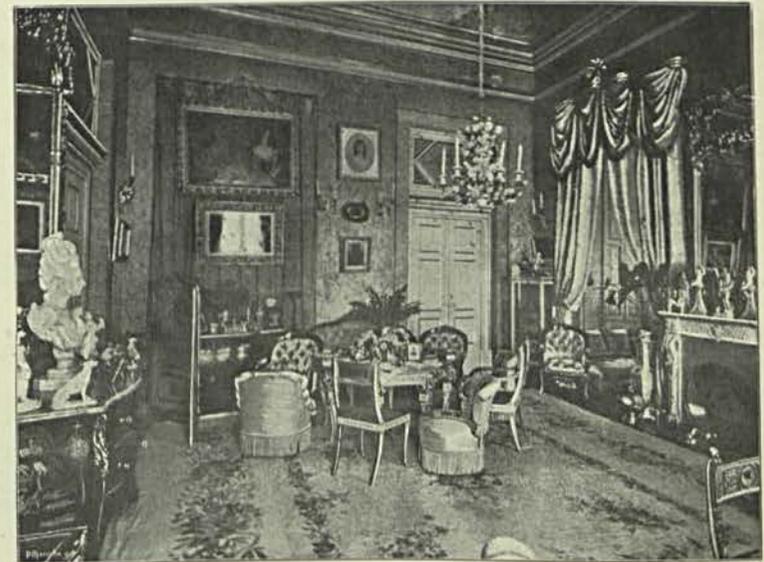
Lisboa.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

OS APOSENTOS DE S. M. A RAINHA

na Pena

nas Necessidades



No *Castello da Pena (Citra)*—1.º Corredor do Claustro—2.º Gabinete—3.º Salão principal
No *Paço das Necessidades*—1.º Gabinete—2.º Sala

Os aposentos de S. M. a Rainha



A RAINHA

ATTITUDE evangelica da Rainha perante a Desgraça, seja qual for o seu nome, a sua origem, o seu campo de acção, creou-lhe no reino inteiro uma tão accentuada atmosfera de sympathia, que não ha consagração á altura de tantas virtudes, nem reconhecimento que não fique inferior a tões benemerencias.

Cantam-n'a os poetas, os prosadores tecem lendas e sonhos que dêm através do vago e do mysterioso a grandeza de uma alma e a excellencia de um coração, porfião todos os artistas em fixar a nota do sentimento que melhor ponha em evidencia e em foco a sua estatura moral; e quantos soffrem, e quantos são batidos pela Miséria humana, encontram ainda nos labios mirrados pela fome ou resequecidos pela febre a palavra que n'elles o coração gravou, a palavra de amor e de gratidão por Aquella que com um sorriso desfez uma tormenta, venceu o destino, creou uma esperança, enxugou uma lagrima...

Bem dita seja a Rainha! Quantas vezes lh'o teem dito, se não com a eloquencia lyrica e simples do grande poeta, que não quiz despedir-se da vida sem Lhe dirigir o ultimo canto da sua alma divina, ao menos com a sinceridade effusiva de quem se surprehende e maravilha ao ver reunidos n'uma mulher que é rainha, qualidades que, n'outro tempo, das Rainhas faziam Santas, virtudes que transformavam, em epochas de maior fé e de maior bondade, a realidade em lenda, e povoavam os corações e os espiritos de ideias de perfeição, que pela muita luz que espalhavam tinham o que quer que fosse de celeste!

E o que mais nos captiva e encanta é que, n'este conjunto de faculdades, se veja destacar, bella, formosa, triumphante, a natureza, que parece rever-se n'este espelho feminino em que brilham e se ostentam todas as forças da mocidade, tão expansivas e dominantes, que não conseguem perturbal-as ou enfraquecel-as, nem os cuidados de mãe extremosa, nem os que teem de ser repartidos por tantos centenas de infelizes, para os quaes o coração da Rainha é fecundo e inexgotavel.

Por muitas maneiras, desde que iniciou a sua publicação, tem o *Brasil-Portugal* procurado pôr á prova o alto

sentimento de admiração, de sympathia e de respeito que consagra á augusta esposa d'El-Rei. E gloria-se de ter sido dos primeiros a vir trazer todas as homenagens, todas as consagrações, todos os louvores, que a ultima obra do coração da Rainha provocara em todos os espiritos. Do seu proprio impulso, da sua iniciativa e da sua vontade, era Ella que vinha tomar a frente de uma cruzada santa a favor de uma boa parte da população portugueza, que a tuberculose escolhe para victima. Era Ella que vinha com a sua grande e esvelta figura de mulher, simples como a Virtude, bella como a Caridade, dizer á Sciencia: auxilia-me, á Caridade: acompanha-me, á Opulencia: segue-me, e a todos: não me desamparem n'esta cruzada, em que é preciso levar de vencida o Mal, n'uma das suas formas mais destruidoras e mais pungentes.

Glorificámol-a então como a glorificou o paiz inteiro, certos, porém, de que a nossa glorificação era impotente para traduzir o reconhecimento, intimo e silencioso, dos infelizes que tendo, já debruçados sobre o abysmo da Morte, perdido todas as esperanças, viram de subito surgil-as todas no sorriso da Rainha, que reflectia o azul do céu e a bondade de Deus.

Hoje que todos os olhos se fixam n'esta figura excepcional, que para se erguer n'um throno, não precisava do throno regio, como não precisa do manto de arminho para fazer realçar a estatura de rainha, hoje vae o *Brasil-Portugal* buscar á arte uma das feições mais sympathicas da sua individualidade inconfundivel.

Os aposentos em que vivemos têm alguma coisa de nós mesmos, traduzem de alguma forma o nosso modo de ser, como que denunciam na propria mudez a nossa vida intima.

Por isso, os nossos photographos, sob a gentil permissão da Rainha, poderam penetrar nos aposentos intimos das Necessidades e da Pena, e em flagrante colher o aspecto que elles apresentam. E' n'esses gabinetes e n'essas salas, em que se concentra o espirito da Rainha para a pratica do bem, que Ella encontra formas inexgotaveis de aprimorada delicadeza.

Quem, em qualquer d'elles, ou no castello de Cintra, ou no paço de Lisboa, quizer encontrar requintes de opulencia, caprichos de mobiliario, e superfluidades inuteis, perde o seu tempo. Alguns bibelots preciosos, quadros de autores, e por toda a parte, retratos de familia, objectos intimos, livros escolhidos, recordações dos primeiros annos, eis o que constitue a principal ornamentação artistica d'esses aposentos, que teem na sua simplicidade a sua eloquencia e cuja elegancia é realçada pela sobriedade.

Na intimidade, a vida da Rainha impõe se pelo que tem de singello, pela bondade que transpira das suas palavras, de todos os seus actos. E a esposa modelo, é a mãe, na accepção mais nobre e mais ampla da palavra. E pode afirmar-se, sem medo de errar, que não vestiria luto o seu coração, se um dia tivesse de o consagrar exclusivamente — como essa santa imperatriz da Russia, Maria Fedorowna — áquelles que são, depois dos seus filhos queridos, os eleitos da sua alma, os filhos da sua caridade: os desgraçados.

JAYME VICTOR.



Castello da Pena



O infante D. Henrique a Pacheco:

Excerpto do poema inédito O MENSAGEIRO DE FÉZ

— Vês-me solteiro e abstemio? e sabes tu por quê?
 por querer ser só meu e livre, quem e alem.
 A mulher rouba tudo: — esp'rança, audácia e fé,
 mostrando que não quer roubar nada a ninguém.
 Mulher com sua voz cantante, amena e branda,
 a fingir que não manda... e ella é só quem manda.
 Se tu soubesses quanta astucia, ingenho e arte,
 empreguei para obter (e em hora tão minguada!)
 de Tanger a investida (ancia do sancto é minha!)
 pois nunca a poudes obter do sabio D. Duarte;
 placido Apollo — um Deus, — mas tão contrario a Marte
 sim, do lidar mavioso, arguto, sem descanço
 do paciente afago, em som tremido, manso
 e cantante e tenaz da ubera Rainha.

Depois... brinde ou promessa eu sei que não faz mal
 mesmo que a infante seja, ou principe real.

Selvagem sou no universal conceito?
 pois Deus afaste quem meu ser altere
 e me faça, com beijos, no meu leito
 de lobo em cordeirinho recahir
 tornando o meu — *Talent de bien faire*,
 n'outro mote: — *Talent de bien servir*.

Qual é d'um bravo o dever?
 E' desfraldar o estandarte
 engalanar a mortalha
 e, no campo da batalha,
 entrar sem tir'-te nem guar'-te,
 para vencer ou morrer.

Balizar linhas com postes,
 mandar um repto na frente,
 tregoa, no centro das hostes,
 e nas bagagens, atraz,
 alguns convenios de paz,
 é ser fraco... ou ser — prudente —
 couza que a mim me não praz.

Mas deixa mulher em caza
 e filhos e ella a chorar
 e vai morrer ou matar!

Ficarei selvagem, pois.
 Eu conheço que o meu peito,
 já para mim só é estreito,
 que seria para dois?

Thomaz Ribeiro.



Thomaz Ribeiro

VISCONDE DE MELICIO



Visconde de Melicio

Fallecido em 23 de julho

João Chrisostomo Melicio, visconde de Melicio, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 27 de janeiro de 1837, de paes portuguezes.

Seu pae que exercera a clinica nos periodos mais temiveis das epidemias, regressou pouco depois a Portugal onde fixou residencia.

O visconde de Melicio era formado em direito pela Universidade de Coimbra, cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, commendador da Legião de Honra, da Real Ordem de Isabel a Catholica; do busto do Libertador, da republica de Venezuela; presidente honorario da Societê de Sauvetage de Nevers; presidente honorario da Sociedade Neo-Latina, sendo-lhe conferidas as palmas academicas de ouro; socio effectivo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes; socio honorario da Associação dos Artistas de Coimbra; socio honorario da Associação Philantropica das Artes Portuenses; vogal da Commissão Central do 1.º de Dezembro; socio effectivo da Associação Industrial Portugueza, etc., etc.

O VISCONDE DE MELICIO, cujo fallecimento produziu dolorosissima impressão em Portugal, era um dos mais antigos e mais notaveis jornalistas portuguezes.

O seu caracter sem mancha, a sua grande capacidade intellectual, a sua profunda dedicacão ao partido em que militava e aos amigos, que tinha muitos, faziam d'elle uma das figuras mais sympathicas do nosso meio lisboeta.

Quando terminou a publicação da *Gazeta do Povo*, o visconde de Melicio assumiu a direcção do jornal *Commercio de Portugal*, defendendo nas suas columnas com grande habilidade e valor os interesses do partido progressista, a que pertencia e tratando proficientemente de assumptos relativos ao Brasil e aos interesses da colonia portugueza.

Em 1889 foi nomeado pelo governo portuguez seu delegado á exposicão de Paris, e o modo como se desempenhou d'esta missão mereceu-lhe os mais rasgados elogios.

O fallecido rei D. Luiz, que muito apreciava a sua intelligencia e o seu caracter, agradeceu o com o titulo de visconde.

THEATROS

O ACONTECIMENTO theatral da quinzena foi a arremataçã, no tribunal da Boa-Hora, do theatro da Trindade. Ligado como este elegante edificio se encontra á brilhante evoluçã entre nós d'uma das especies theatraes mais em voga ultimamente, e tendo elle sido o privilegiado encadrement ás mais ruidosas noites de gloria de artistas como o Isidoro, o Ribeiro, a Delfina, a Esther, o Tasso, comprehendese que tudo quanto se refere á sua vida assumma um captivante ar de mundanidade e estimule interessadamente o publico.

Tratava-se agora de assumpto bem differente da *serata de onor* de Queiroz ou do Augusto, ou da *reprise* do *Tim-tim* de Souza Bastos. Assumpto arido, positivo e pratico, — uma arremataçã judicial, — que nem podia dar margem a anecdotas galantes, nem sópro de expansã ao caprichoso avoejar da phantasia. Iso porém não impediu que, no passado dia 25, aos immundos claustros do nosso tribunal de justiça não concorresse um publico especial de emprezarios, actores, escriptores e frequentadores de theatro, com grande espanto dos municipaes e um desdenhoso repontar por parte d'aquella populaçã habitual de gatunos e fadistas.

A mim o caso trouxe-me á memoria o anno de 1867, anno em que eu vim para Lisboa com o fim de entrar n'um collegio. Vim de salto, da minha ignorancia da minha provincia, entregue aos cuidados de uma bondosissima familia que morava justamente na rua da Trindade. D'ahi se avistava o theatro, que ficava a dois passos, garrido e fresco, acabado de fazer, com as suas altas paredes d'uma cor de ervilha, macla, reluzente, e os seus medalhões decorativos escaiolados de branco. Estavamos em fins de setembro; ainda o theatro não havia sido aberto ao publico, mas já se andava em ensaios, trabalhava-se para isso activamente. E eu lembro-me de que me ficava, horas e horas, á janella, absorto na contemplaçã d'aquella fachada mysteriosa, dentro da qual se chocava já o fermento em germen de tanta gloria e tanto triumpho. Os ensaios de côros, em cima, no salão, ouviam-se distinctamente da casa onde eu estava. E tudo era então para mim motivo de deslumbramento, — desde esse concerto rythmado de vozes, em que me parecia vibravam harmoniosamente as cantarias, até á manobra ele-

gante da sorveteira em que a dona da casa preparava os gelados para o jantar.

Ora acontecia tambem que a jantar nenhum deixava de invariavelmente fallar-se no Francisco Palha, esse fino homem superior a cuja iniciativa e criterio deve o theatro da Trindade a sua construcçã, e o melhor do seu credito e da sua fama. Eu conheci-o mais tarde, um bom par de annos depois, no periodo aureo da *Angol*, quando em todos os cantos de Lisboa se fazia justica ao seu modo superior de dirigir, administrativa e tecnicamente, o theatro, e avidamente eram colhidos os seus ditos de espirito.

E d'uma vez entrei eu, á noite, n'aquelle famoso camarim, ao fundo do palco, encontrando o travesso actor da *Fabia*, de ordinario tão alegre, só, cofiando merenciosamente a púbera da mesa sobre a mesa, e o olhar errando vago pela *tabella*, que tinha na frente, e não se resolvia a encher. Aquella attitude severa e contrafeita desconcertou-me. Ia eu com o fito em o congratular pela recente publicação d'um bello livro de versos — *Musa Velha* — em que Francisco Palha compilára escolhidas producções de muitos annos, e a que economicamente se estavam referindo os jornaes. Eu queria felicital-o tambem... mas, perante aquella sua rebarbativa tristeza, diabo!

Entretanto, arrisquei:

— Que tem hoje? Está doente?...

— Felizmente, não...

— Então, alguma *perdiçã*?

— E' caça que não ha p'ra estes ladols!

— Não pôde comitudo negar que o trabalha hoje algum grande cuidado...

— O' homem! se lhe parece!... — prorompeu por fim Francisco Palha, com os olhos rutilos de colera, dando um murro na mesa. — Então hoje um jornal não tem o desafio de me chamar o «Banville portuguez»? E' demas!

— Ignorancia...

— Qual!... No meu tempo de rapaz, ao menos, a ignorancia não tinha licença p'ra escrever e a troça tinha limites... Pobre Banville! como te calumniam... E é que eu vou protestar!

...Tem d'estas justiceiras indignaçães a consciencia dos homens de valor.

BRASIL—PORTUGAL

Impressão na typ. da Comp. Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LUIS ANTONIO SAUNDERS
Redac. e administ. — R. IVREAS, 52 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	4\$5000	Anno.....	8\$5000
Numero avulso (moeda brasileira).....	2\$5000	6 mezes.....	4\$5000
		3 mezes.....	2\$5000
		Numero avulso.....	2\$5000

SUMMARIO

Chronica Electrica.
As lagrimas da amor — THOMAS CARREIRA.
Teixeira Lopes — RAUL BRANDÃO.
No Calvário — GUILHERME GAMA.
A Vista — ANTONIO ARROYO.
A Estalada de Noivos dos Reis — ANTONIO ARROYO.
Uma visita ao atelier de Teixeira Lopes — ANTONIO ARROYO.
O Cambio sobre Londres — AUGUSTO DE SIENAS.
Festas e procedimentos.
Neuroses — FORTUOSA XAVIER.
Amphitrite — ALBERTO OLIVEIRA.
Os apaixonados de S. M. e Rainha — JAYNE VICTOR.
Em Sagres — versos de THOMAS HERRICK.
Visconde de Melchior.
Theatroes — ARIE DORTCHES.

Paginas supplementares

De que chegam.
A homenagem a Teixeira Lopes.
Augusto Gama.
Agencia no Brasil.
Lucta feroz (conto suado).
S. M. e Rainha D. Maria Pia.
A conferencia International de Haya.
Os apaixonados e o cão suado mundo.
O Casualheiro Antonio Ennes.
Sciencia facil.
Yatouzes.
Hocetas.
Horas de ocio.

24 ILLUSTRACOES

Os que chegam

Dos diferentes portos do Brasil chegaram :

Pelo « Nile »

Em 27.

Domingos Magalhães, illustre escriptor brasileiro, redactor de varios jornaes e author de algumas peças theatraes representadas no Brazil. Vem de Pernambuco e regressa para Paris, onde se demora algum tempo.

Manuel Boaventura da Silva, importante negociante e proprietario, natural de Lamego, para onde se dirige. E' um dos mais considerados socios da Sociedade de Beneficencia Portuguesa, Ordem Terceira de S. Francisco de Paula, Sociedades de Beneficencia Marquez de Pombal, Luis de Camões, etc. Vem do Rio de Janeiro, onde esteve quatro mezes.

Antonio Sousa Reis, que se dirige para Villa Nova de Gaya, sua terra natal, d'onde esteve ausente 7 annos.

Joaquim Alves de Sousa Moreira, negociante. Regressa a Portugal, d'onde esteve ausente 26 annos.

Antonio José da Costa, industrial portuguez, que depois d'uma ausencia de 5 annos, vem visitar o Porto, sua terra natal.

Eduardo Saralho, guarda-livros d'uma das mais importantes casas de S. Paulo. Esteve ausente 7 annos, e vem visitar Guimarães, terra da sua naturalidade, onde se demora alguns mezes.

Pelo «La Plata»

Em 28.

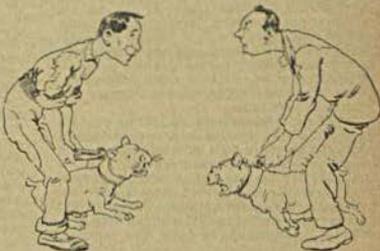
Bernardo Pinho, importante negociante no Brazil, para onde foi ha mais de 16 annos. E' socio benemerito da Sociedade de Beneficencia Portuguesa. Dirige-se para Mattosinhos, sua terra natal, onde se demorará alguns mezes.

José Rodrigues Lucena, importante negociante do Rio. Viaja em companhia de 5 senhoras de sua familia e dirige-se para S. Gregorio Magno, onde se demora.

Benjamin Vasconcellos, negociante brasileiro, que vem á Europa em viagem de recreio.

Antonio Pinto de Magalhães, negociante portuguez. Regressa a Portugal, onde fixa residencia.

Lucta feroz



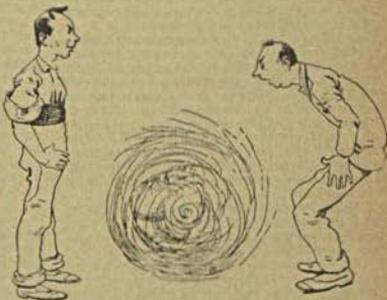
— A elle suitão!
— Salta-lhe! Pex!

A homenagem a Teixeira Lopes

O grande esculpitor do norte do paiz permittiu no *Brasil-Portugal* a reprodução não só do seu atelier de Villa Nova de Gaya, como tambem das principaes escripturas e maquettes, que n'elle hoje se admiram.

Reconhecidos lhe agradecemos essa gentileza que nos permite dar a todos os leitores do *Brasil-Portugal* os preciosos trabalhos artisticos, que d'outra forma seria difficil serem vistos e apreciados por emquanto.

Antonio Arroyo, o auctorizado critico de arte, **Guilherme Gama**, o artista de sentimento, e **Raul Brandão**, o primoroso e original escriptor, completam e realçam com os seus formosos artigos a homenagem que hoje presta o *Brasil-Portugal* a um dos maiores artistas do nosso tempo.



Augusto Gama

A este nosso illustre amigo, collaborador do *Brasil-Portugal*, industrial e jornalista portuense, devemos os esplendidos clichés photographicos, que abrilhantam as paginas do numero de hoje comemoradas ao esculpitor Teixeira Lopes.

Ongular-se-hia qualquer artista de nome em subscrever estes clichés, que revelam um dos mais distinctos entre os nossos grandes amadores da photographia.

Em numeros subsequentes, poderão os leitores do *Brasil-Portugal* aquilatar do valor litterario e critico de Augusto Gama, que vai honrar a nossa publicação com artigos seus, sobre a Industria e a Finança, principalmente do norte do paiz.



— Nem um pelo!

S. M. a Rainha, D. Maria Pia

O *Commercio do Amazonas*, importante folha brasileira, que se publica na cidade de Manaus, um dos mais bem feitos dos jornais brasileiros, publica, no seu numero de 7 de julho um esplendido retrato de S. M. a Rainha, D. Maria Pia, acompanhando-o com as seguintes palavras:

«Asseveramos afortunadamente não existir um só português que se não curve respeitoso perante a exccelza princeza cujo retrato honra hoje a primeira pagina do *Commercio*, a serenissima senhora D. Maria Pia de Saboya. Não é a alta posição hierarchica que lhe confere essa justa homenagem do povo em cujo throno se sentou por alguns annos,—mas principalmente, quasi que exclusivamente, a bondade inexcelsível de seu coração, a nobreza de seus sentimentos, os seus actos de ragado altruismo que levaram esse mesmo povo a chamar-lhe o seu Anjo de Caridade.

É longa, enormissima a lista dos estabelecimentos pios, de obras de caridade a que S. M. tem ligado o seu nome glorioso e que será desnecessario aqui citar,—porque não ha ahí ninguém que os ignore; bem sabemos apenas não ha lá muito que S. M. fundou o sanatorio D. Luiz I, derradeira e piedosa homenagem ao finado rei, idea generosa que tem por objectivo albergar os soldados, esses desconhecidos e humides heroes, no seu regresso das campanhas africanas.

Ao pé da virtuosissima senhora não ha prantos nem dores: ella apressa-se a enxugar as, a extinguir outros, e falo modestamente, quasi a occultas, como que envergonhada.

É porque a caridade é flor rara, que melhor se avigora á sombra, sem ostentação, nem ruido. Assim os seus beneficos fructos estendem-se e a pobreza não é envergonhada pela soberba superioridade de quem dá a esmola.

A Conferencia Internacional de Haya

Terminou ha poucos dias as suas sessões a Conferencia Internacional reunida em Haya, para assentar sobre a maneira de pôr em pratica a humanitaria ideia do *Traite*.

Se os resultados d'esta conferencia não foram tão completos, como seria para desejar a bem da humanidade, alguma coisa se conseguiu, sobretudo no que respeita á solução pela arbitragem das dissensões entre as potencias.

Dos Estados que se fizeram representar na Conferencia desejei assignar-nos a convenção da arbitragem; desejei a declaração relativa ao lançamento de projectos dos balões; desejei a declaração contra o emprego de projecteis explosivos e quinze a prohibição das balas fragmentaveis.

No fim da ultima sessão foram lidas a carta da rainha da Hollanda, pedindo ao Papa o seu apoio moral para os trabalhos da Conferencia, e a resposta de S. Santidade.

São dois documentos deveras interessantes não só pelo que representam, como por serem assignados pelas duas entidades que mais sympathias e mais interesse despertam no mundo civilisado.

A carta da rainha da Hollanda é a seguinte:

A Sua Santidade o Papa.

Muito Augusto Pontífice.

Tendo Vossa Santidade, cuja palavra eloquente se elevou sempre com a maior auctoridade em favor da paz, manifestado recentemente, na sua allocução de 11 de abril ultimo, sentimentos generosos muito especies, a respeito das relações dos povos entre si, julguei do meu dever communicar a Vossa Santidade que, a pedido e por iniciativa da sua magestade o Imperador de todas as Russias, convoto eu uma Conferencia em Haya, com o fim de procurar os meios mais convenientes de diminuir os esmagadores encargos militares actuaes e de evitar sendo possivel, as guerras ou, pelo menos, suavizar-lhes as consequências.

Estou convencida que Vossa Santidade ha de ver com bons olhos a reunião d'esta Conferen-

cia e considerar-me-la muito feliz se V. Santidade, testemunhando-me a sua alta sympathia, se dignasse conceder o seu precioso apoio moral á grande obra que vai ser elaborada nos meus Estados, em virtude dos generosos desejos do magnanimo Imperador de todas as Russias.

Aproveito, com o maior enthusiasmo, este ensejo para reiterar a Vossa Santidade, Muito Augusto Pontífice, os protestos da minha profunda estima e da minha dedicacão pessoal. Hausbuden, 7 de maio de 1899.

Guilhermina.

A esta carta respondeu Leão XIII com a seguinte:

A Sua Magestade Guilhermina, Rainha dos Paizes Baixos.

Magestade:

Foi-nos sobremaneira agradável a carta pela qual Vossa Magestade, dando-nos parte da reunião, na capital do seu reino, da Conferencia para a Paz, teve a delicadeza de solicitar para essa assembléa o nosso apoio moral.

Apressamo-nos a manifestar as nossas vivas sympathias, tanto pelo augusto iniciador da Conferencia, e por Vossa Magestade que se dignou conceder a esta uma captivante hospitalidade, como pelo fim eminentemente moral e benemerito a que visamos os trabalhos já inaugurados.

Tratando-se de empresas d'esta ordem somos de parecer que compete ao exercicio do nosso papel no mundo não só prestar-lhes um apoio moral mas tambem cooperar effectivamente nellas porque se trata d'um fim soberanamente nobre de sua natureza e intimamente ligado com o nosso ministerio, o qual, pelo dolo do Divino Fundador da Igreja, e em virtude das tradições muitas vezes seculares, como que está investido da alta missão do mediador da paz.

A auctoridade do Pontificado supremo transpõe as fronteiras das nações; abraça todos os povos, além de os confederar na verdadeira paz do Evangelho; a sua acção para promover o bem geral da humanidade eleva-se acima dos interesses particulares que tem sempre em vista os diversos chefes de Estado. Melhor que ninguém o Papa sabe fazer com que se curvem ante a concordia tantos povos de indoles tão diversas.

A historia, por seu turno, encarrega-se de demonstrar o que tem feito os nossos predecessores para suavisar, por meio da sua influencia, as leis desgraçadamente inevitaveis da guerra, para evitar combates sangnarios por occasião dos conflictos entre principes, para resolver em termos amigaveis as controversias mais agudas entre nações e para defender corajosamente o direito dos fracos contra as pretensões dos fortes.

Apesar das condições anormaes a que estamos actualmente reduzidos, ainda podemos pôr fim a grandes desintelligencias entre nações illustres, como a Alemanha e a Hespanha; e hoje mesmo temos a convicção de restabelecer, em breve, a harmonia entre duas nações da America do Sul que recorreram á nossa arbitragem.

Não obstante os obstaculos que possam surgir continuaremos cumprindo o nosso dever, isto é, exercendo esta tradicional missão, sem aspirar a outro fim além do bem publico, sem conhecer outra gloria além da de servir a causa sagrada da civilisação christã.

Pedimos a Vossa Magestade se digne acceptar os protestos da nossa estima e a expressão sincera dos votos que fazemos pela sua prosperidade e pela do seu reinado.

Vaticano, 29 de maio de 1899.

Leo P. P. XIII.

Finda a leitura d'estas cartas o presidente da Conferencia pronunciou um discurso de despedida e de agradecimento, terminando por estas palavras:

A obra que terminamos hoje, não é tão perfeita como seria para desejar, mas é sincera, pratica, e prudente; concilia os dois principios que são a base do direito das gentes; e do so-

berania dos Estados e o da solidariedade internacional. Affirma que nos tempos modernos devem dominar as obras nascidas da necessidade da concordia. A tarefa da Conferencia foi verdadeiramente meritoria e bella.

Por fim o sr. Beaufort, ministro dos negocios estrangeiros da Hollanda, declarou que a Conferencia, se não realizou os sonhos dos utopistas, deintemiu pelo menos as previções de pessimistas. O seu effeito moral ha de fazer se sentir cada vez mais na opinião publica; e secundará os governos nos seus esforços para resolver a questão da limitação dos armamentos, os quaes continuam sendo a grave e legitima preocupação dos homens de Estado de todos os paizes.

Em seguida foi encerrada a Conferencia.

Antonio Ennes

O *Commercio do Amazonas* publicando o retrato do sr. conselheiro Antonio Ennes dedica-lhe um primoroso artigo de que destacamos os seguintes periodos:

«Homem de estado de excepcionaes qualidades, jornalista fecundo e de uma argumentação tão lucida quanto profunda, tem sabido sair-se com galhardia de todas as commissoes que lhe hão sido commettidas, que são todas de muita importancia, sobresahindo principalmente a questão africana a qual resolveu em grande parte, quando exercendo o cargo de commissario regio de Moçambique.

Como jornalista a sua obra é enorme, tendo sido o fundador do jornal *O Dia*, que durante longos annos foi considerado como um dos mais importantes órgãos politicos portugueses.

Brevemente o *Brasil-Portugal* publicará um artigo escripto expressamente para esta Revista pelo notabilissimo escriptor, a quem o *Commercio do Amazonas* dedica tão justas palavras.

O conselheiro Antonio Ennes é um dos escriptores portuguezes, cujo nome mais estimado é, e cujo talento mais admirados tem tanto em Portugal como no Brasil.

Estamos certos portanto que os nossos leitores receberão com verdadeiro praser a noticia da publicação, n'um dos proximos numeros do *Brasil-Portugal*, do artigo do notabilissimo homem de letras.

AGENTES NO BRASIL

A Empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes nos diversos Estados do Brasil:

RIO DE JANEIRO (provisoriamente) João José da Silva Lima.
PERNAMBUCO—Leopoldo A. da Silveira.
PARÁ—Manuel Ferreira Santos Junior (cma Vary-Well).
MARAOS—Lino Aguiar & C.
MARANHÃO—Leoncio J. de Medeiros & C.
CEARÁ—Salles Torres & C.

A Empresa BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relação dos seus correspondentes em todos os outros Estados.

Com elles se poderão entender directamente todos os srs. subscriptores d'esta publicação, no Brasil.

SCIENTIA FACIL

Um REPUXO INTERMITENTE. — Exige esta experiência um tubo de vidro com o comprimento de um metro pouco mais ou menos.

A uma distancia de cerca de 15 centímetros é o tubo (B) curvado duas vezes em angulo recto como se vê na gravura.

Uma das extremidades (C) é afilada á lampada de modo a deixar um orificio de 1 millimetro de diametro. A outra extremidade deve ter uma direcção obliqua.

Esta extremidade mergulha n'um copo (A) que está cheio de agua corada com anilina vermelha. Aspirando em seguida o ar pelo orificio (C) a agua precipita-se dentro do tubo (B) e chegando ao orificio forma um repuxo. Se em seguida levantarmos o tubo de modo que o orificio superior se encontre parcialmente fora d'agua, varias bolhas de ar penetram no tubo, em seguida mergulha-se de novo o orificio no liquido e assim sucessivamente.

As bolhas que penetram no tubo seguem lentamente ao longo d'elle seguindo todas as inflexões e chegando ao orificio (C) perdem-se ao ar formando um jacto de espuma.

Lacrosaria de cortiça. — E' das experiencias mais facis de fazer esta; varias rollas, phosphoros e alfinetes são os materiaes exigidos.

Uma rolla forma o corpo da machina; as rodas são 4 rodellas de cortiça cortadas de uma outra rolla e seguras por meio de alfinetes um phosphoro fará a chaminé Pintase tudo de preto e fica uma locomotiva prompta.

Pode-se com alguma paciencia fazer por este processo um comboio inteiro com wagons de passageiros, fourgons, etc.

ORAVAL.

VARIEDADES

As conquistas do feminismo

Ha tempo houve em Athenas uma reunião de senhoras com o fim de tratar da questão do casamento.

Ao que parece o numero de casamentos na Grecia é cada vez mais diminuto, e os homens cantem por toda a parte os encantos de celibato.

As senhoras resolveram n'essa reunião digir uma petição ao parlamento hellenico para que se remediasse este estado de cousas lançando um imposto sobre os celibatarios afim de os obrigar a casar. . . por economia.

Dizem os jornaes de Athenas que essa petição corre serios riscos de ser indeferida, porque, sendo a maioria dos membros do parlamento composta de celibatarios ferrenhos, não é natural que elles approvem um decreto que os leva a terem que supportar mais um imposto ou então uma mulher, com sogra e tudo.

A historia d'um diamante

O famoso diamante do valor de um milhão que o sr. Kruger, presidente da republica do Transvaal, offereceu a Leão XIII tem uma historia de sangue que causa inveja aos demais diamantes celebres do mundo.

Durante um seculo foi o talisman sagrado dos chefes selvagens.

Pertencue primeiramente a Meeah, o poderoso rei dos Basutos, que o deu de presente ao rei dos Zulú, Chaka.

O máo de Chaka assassinou este para o roubar.

Depois seguiu-se uma longa serie de crimes entre os chefes rivaes, para se apoderarem do diamante-talisman.

Os brancos, desobedecendo-o, trataram de apoderar-se d'elle.

Os negros, irritados, declararam guerra aos brancos, em consequencia da qual pereceram mais de mil boers e milhares de negros.

Estes conservaram a joia que foi parar ás

mãos do chefe Memelo, que, sendo aprisionado, reduzido á escravidão e depois libertado por Kruger, escondeu durante esse tempo, o diamante, temendo que o matassem, para o roubar.

Faz pouco tempo que para se livrar d'esse terror, que o acabrunhava, Memelo o deu ao presidente Kruger, que por sua vez offereceu ao Papa a celebre pedra.

Erro judiciario

Dizem de Londres que foi ultimamente dirigida uma petição "to the Honorable commons of great Britain and Ireland in parliament assembled, segundo a tradicional e obrigatoria formula, por um innocente, condemnado a nove annos de trabalhos forçados e que apesár da sua innocencia ter sido demonstrada no "Home Office, e reconhecida, em juizo tentara até hoje obter das autoridades judicias a revisão do seu processo para poder rehabilitar-se.

O supplicante é um chamado Charles Augustyn Bynoc. Preso e levado ao tribunal central dos crimes, de Londres, no dia 10 de janeiro de 1892, Bynoc foi declarado culpado de ter falsificado um documento e imitado a assignatura de Constance Patta, para receber a quantia de 7 libras e 15 shillings.

O preso foi condemnado em 9 annos de servidão penal e internado na casa central de Portland. Em vão, durante os debates, o accusado protestou estar innocente e invocou um alibi.

Seis annos depois Bynoc obteve a sua liberdade condicional sob um "ticket of Live, quer dizer, ficou submettido á vigilancia da policia até ao cumprimento da sentença. Desde então o "convicto, não deixou de reclamar a revisão do seu processo baseando-se sobre um facto novo que demonstra completamente a sua innocencia: a confissão feita ao "Home Secretary, pela verdadeira culpada, uma mulher implicada no processo, mas declarada innocente.

Em Inglaterra — o que é da mais importantes lacunas da legislação — não existe tribunal de appellação em materia criminal; a revisão d'um processo só é possível no tribunal dos lords, por instancia do "Home secretary, e por um acto especial do parlamento sobre um pedido dirigido á camera dos commons.

O innocente não tendo senão esse recurso para obter a sua rehabilitação, dirigiu tuma supplica ao parlamento com a apostilla de nove dos membros do jury que o condemnou. Estes ultimos declararam por sua honra que em sua alma e consciencia absolviariam hoje o accusado que haviam condemnado em vista do relatório dos dois peritos paleographos.

Reconhecem a realidade das provas e argumentos da defeza e em primeiro logar o alibi e concluem pela necessidade de uma completa e inteira reparação judicial.

Que jury usaria ainda condemnar um homem sobre o unico relatório de peritos paleographos quer elles se chamem Berillon, Coard, Varipard — como na questão de Drayfus — ou Smith e Griffiths? E que pensar da justiça, tão prompta em condemnar, tão lenta em rehabilitar, que nunca está disposta a reparar o seu erro, senão quando o parlamento a isso a intima? Deve-se reconhecer que todos os espiritos ilustrados do Reino-Unido pedem incessantemente a constituição d'esse tribunal de appellação em materia criminal e é provavel que o caso de Charles Bynoc attrahirá de novo a attenção dos legisladores para a necessidade de se proceder a essa reforma judicaria.

As cidades mais antigas

As cidades mais antigas do mundo são as 12 seguintes:

Argos, Athenas e Thebas, na Grecia; Cadix e Sagunto, na Hespanha; Carthago, Siracusa, Locres, Cretona e Roma, na Italia; Carthago, na Africa; Marselha, em França; Lisboa, fundada por Ulysses, depois da tomada de Troja.

A mais moderna d'estas cidades conta 24 seculos de existencia e a mais antiga 37.

No Brazil, a cidade mais antiga é S. Salva-

dor da Bahia, fundada em 1549 por Thomé de Souza, primeiro governador geral do Brazil.

A litteratura e o theatro na Inglaterra

Diz uma revista ingleza que os auctores dramaticos na Inglaterra, exceptuando um pequeno numero que vende baratas as suas produções, ganham 5 a 10 por cento sobre a receita total, o que lhes produz consideraveis lucros.

Uma peça representada duzentas vezes em theatro de primeira ordem em Londres, dá ao auctor cem a cento e vinte mil francos; juntado-lhe o producto das recitas nas provincias, 125 a 250 francos cada noite por theatro, e das representações na America e Australia, teremos que os auctores dramaticos de peças em idioma inglez são largamente compensados.

G. R. Sims, auctor de dois melodramas celebres, ganhou em duas temporadas consecutivas 700.000 francos em Londres e 1.600.000 francos nas provincias.

Mais do que este lucraram W. L. Gilbert e Arthur Sullivan, que até agora já receberam mais de 75.000.000 de francos.

Entre os modernos na arte dramatica ingleza quem leva a palma é Pinero: a "Douce Savande" já lhe rendeu 500.000 francos.

Original casamento

A dona de um cão viu-se obrigada por circumstancias a ceder-o a novo possuidor, um sujeito na Normandia. Melhorando de situação resolveu a ir áquelle provincia e rehar o animal, que muito estimava.

O novo dono não esteve pela proposta, apesár de se lhe offercer indemnização de todas as despesas por elle feitas, e das muitas nequices que o cão fez á antiga dona.

Chegou-se afinal á seguinte combinação. O novo dono do cão acompanharia a antiga dona até ao cume d'um monte que ficava frente a casa: ali, voltaria elle com o cão, e ella seguiria o seu sear; assim se a quem o cão preferisse chamar lhe-bia seu.

Ao separarem-se no alto do monte cada um para seu lado, o cão foi alternadamente acompanhando uma e outra pessoa, indo e voltando á grande distancia a que cada um dos litigantes já se encontravam: e então os donos impressionados por aquella dupla fidelidade, resolveram contrahir o matrimonio.

Esta historietta é da publicação intitulada "L'Ami des chiens."

O peso e a força das feras

Um naturalista estrangeiro occupou-se ultimamente em determinar o peso e a força muscular das feras.

Parece que verificou que o leão não merece realmente o titulo de "rei dos animaes", porque, relativamente ao seu peso, não é o mais forte. O Jaguar, a panthera e o tigre sobretudo têm um poder muscular superior ao do leão. Quanto ao peso, numerosas observações feitas nas menageries como em feras no estado selvagem, deram ao leão uma média de 230 kilos. O tigre adulto pesa cerca de 300 kilos e a panthera pouco mais ou menos outro tanto.

As chuvas de estrellas de novembro

Os astrónomos esperam, este anno ou para o anno que vem, a repetição das grandes chuvas de estrellas cadentes que se dão de trinta e tres em trinta e tres annos, porque as ultimas que se observaram foram em 1828 e em 1893.

Os Leonidas — como são chamados estes meteoros dos meados de novembro — parecem ter sido attrahidos para o nosso systema solar pelo planeta Urano, o que teria sido no anno 129. Em todo o caso pôde-se encontrar em antigas obras e tratados, noticias das manifestações dos Leonidas em 909, 934, 1002, 1101, 1282, 1353, 1422 e 1698.

Os Leonidas pertencem á especie mais notavel dos meteoros de novembro; tem mais brilho e mais rapidez que todas as outras estrellas cadentes, diferenciando-se sensivelmente das chuvas mais lentas e menos brilhantes de Androméde e dos meteoros do co-

meta de Biela, que apparecem quinze dias mais tarde.

Em 1833, em 13 de novembro, o observatorio de Boston calculou em 240.000 o numero dos meteoros contados durante as sete horas que durou o phenomeno.

Preparam-se pois os leitores para assistirem a um deslumbrante espectáculo no proximo mez de novembro.

A não ser que tenham de esperar para o anno.

Nova cidade

Acaba de organisar-se na capital da Russia uma companhia inglesa com o capital de um milhão de libras sterlingas, que será augmentado ulteriormente a dois milhões, com o fim de construir uma nova cidade que se chamará o novo S. Petersburgo.

A companhia compron a ilha de Goladai, proximo de Vassali Fetraff, onde 600 habitações, 2 igrejas e um mercado serão construidos no periodo de 5 annos para formar o nucleo da nova cidade que será illuminada pela electricidade e ligada com S. Petersburgo por um caminho de ferro electrico.

Dois mil operarios trabalham actualmente na construcção d'um dique e roda da ilha para o proteger contra a invasão da agua. Varios outros milhares de operarios carregam e descarregam na ilha os materias de construcção.

Este projecto recebeu a approvaçao do governo e das autoridades municipaes e permittirá reduzir o preço dos alugueiros na capital porque 60.000 pessoas poderão habitar nas 600 immensas edificações que se vão fazer na ilha de Goladai.

RECEITAS

Antiga cozinha portugueza. — *Cocktail da Indica*.

Encher a terça parte d'um copo com gelo moído. Adjuantar trinta gotas de marraschino, uma colher de xarope de ananás, trinta gotas de curaçao, seis gotas de bitter, um calice de cognac. Mexer bem. Servir, com uma casca de limão no topo.

Para ahar as navalhas de barba.

Esfregue-se o couro do passador com a seguinte composiçao: ócra amarello 30 gr., gorda dura de carneiro 40 gr., ardósia pulverizada 40 gr., esmeril 20 grammas.

Faça-se derreter a gordura n'uma panela de barro e junte-se-lhe a ócra. Quando estiver bem derretido deite-se-lhe dentro o esmeril e a ardósia muito bem pulverizada. Deixe-se ferver durante cinco minutos remecendo-se continuamente, e deite-se-lhe umas gotas de essencia de alfazema. O liquido deita-se depois sobre um papel a que se tenha dado a fórma de bandeja; quando a massa estiver fria e dura corta-se como se quizer.

Para reavivar as flores murchas.

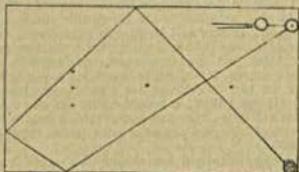
Tome-se um vaso de jardim, que tenha pouco mais ou menos um litro de capacidade, tappe-se o buraco do fundo, e encha-se de musgo sobre o qual se deita agua quente a 60 graus. Espetem-se as hastas das flores n'este musgo,

e cubra-se tudo com uma redoma ou qualquer outro recipiente analogo. Ao fim de duas horas as flores rejuvesceram.

Horas de ocio

O BILHAR

Carambolas de phantasia



Charadas em verso

Foi meu berço a vella Grecia,
E de lá tenho vinda;
Eu, com outra a divindade
Delimito meus muros.
Esta que antes nada explica,
Se explica d'esta maneira:
Mude-se a quarta em primeira,
E logo greca a laranja.

Não julgues ser o conceito
Custoso de explicar;
E palavra vulgarissima,
Que a todos deve lembrar,
E, se p'ra algem ignota,
E' caso p'ra la entrar.

Não pára — 1 Aqui não — 2 G. A.
O repil — 2 Corro bem — 2
E' formosa Habitadas
E gentil. Muitos tem.

ERRETTINA DE MATTOZ.

Charadas novissimas

Tavira n'outros tempos produzida fortunas tambem produziu esta pizanta — 2, 2.

O ril é alegre no inverno por ser no inverno que mais se divert — 2, 1, 1.

ERRETTINA DE MATTOZ.

Toma sentido! Suja mas regarda — 2, 2.

Aqui tens um fructo que se come mas é sem sabor — 2, 1.

A primeira repeta no velho sacerdote — 1, 1, 1.

De madrugada é concluida na cidade do Porto — 2, 2.

Logographos

Eu confesso que não gosto de logographos assim; mas que quizes, se os outros já não são cá para mim?

4 — Substantivos — 5
6, 2 — Substantivos — 7, 2
7, 2, 3 — Substantivos — 1, 2, 3
9, 8, 7, 5 — Substantivos — 1, 2, 4, 5
7, 3, 5 — Substantivos — 2, 3, 5
3, 8 — Substantivos — 2, 2
8 — Substantivos — 3

Em França se eu que ha esta avessinha tão linda. E julgo que até por cá. Se tem que a não vi ainda.

Novissimo

P	E	O	B	F		O	G
2	1	4	1	2	3	1	2

CIFFRARA UGUALI

Enlgmas

	L	
S	I	G
1	4	1
R	O	I
2	2	2
V	N	P
1	1	1

As letras, repetidas tantas vezes quantas os algarismos indicam, formam o nome de

Um cavalheiro bondoso, affavel, thano

Minha primeira é segunda,
e se uma letra tirar
a segunda não se admira,
se primeira lhe ficar.
E se uma senasibaria
acaso quer evitar
não entregue o todo á primeira...
sim... é bom acastellar...

Decifrações do n.º 8 do Brasil-Portugal

Da charada em verso — Soldado.
Da charada enigmatica — Tatibitáti.
Do Problema — No primeiro estado 10 canoas; no segundo, 25; no terceiro, 7 e no quarto 12. Total 90.

Correspondencia em miniatura

COM O SERVIO? (Lisboa) — Não, meu caro senhor, mas não que não tenho em meu poder composiçao alguma de v. ex.ª T.ª S. Domingos, 20, 2.ª e a minha morada; póda para elle enviar a correspondencia.

G. A. (Lisboa) — Fala-se muito nas raias; bem é que já hoje contemplado, e se-lhe sempre que as charadas não tragam peço.

DITO E FERRO (?) — Lir os seus logographos e condemnal-os ao casto dos papéis vellos tambem foi dito e feito. Escrivam por franquias.

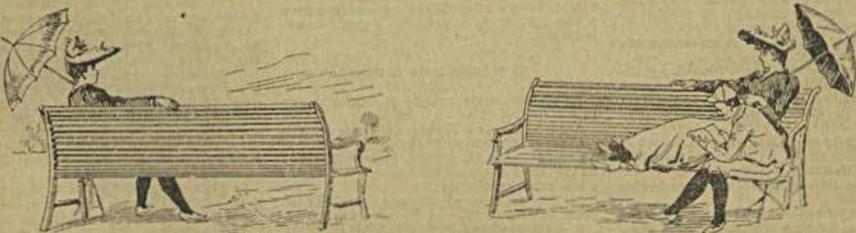
F. G. F. (Lisboa) — Os leitores do Brasil-Portugal, especialmente os amadores d'esta secção, nunca me perdoariam em lhes doarem um quarto de 4.ª matter! Sabo o que lhe dou de conselho, e não lhe levo uma de X! Entenda-se com o Limpio, que é um jornal de risota.

F. A. de MATTOZ.

OS MAIORES ATELIEIS
EUROPA
CRAVURA
FABRICA CARIMBOS
PAPELARIA
LITHOGRAPHIA
ENGENDINAÇÃO de
158, 164, Rua do Ouro, 158, 164,
L. 2.ª (Portugal)

FREIRE-GRAVADOR
OFFICINA
TYPOGRAPHIA

Illusão d'optica



— Oh!

— Ah!